

O zelo apostólico do crente – 4. O primeiro apostolado

É um dom tão grande que não podemos guardá-lo para nós, sentimos a necessidade de o irradiar; mas com o mesmo estilo, ou seja, na gratuidade. Em síntese: temos um dom, por isso somos chamados a fazer-nos dom; recebemos um dom e a nossa vocação consiste em tornar-nos dom para os outros; em nós há a alegria de ser filhos de Deus, e ela deve ser partilhada com os irmãos e irmãs que ainda não o conhecem! Esta é a razão do anúncio. Ir e anunciar a alegria daquilo que recebemos.

Segundo, *o que* anunciar? Jesus diz: «Pregai, anunciando que o reino dos céus está próximo» (v. 7). Eis o que se deve dizer, antes de tudo e em tudo: Deus está próximo. Mas, nunca esqueçamos isto: Deus esteve sempre próximo do povo, Ele próprio o recordou ao povo, Disse assim: “Vede, que Deus está tão próximo das nações como Eu estou próximo de vós?”. A proximidade é uma das coisas mais importantes de Deus. Há três aspetos importantes: proximidade, misericórdia e ternura. Não vos esqueçais disto. Quem é Deus? O Próximo, o Terno, o Misericordioso. Esta é a realidade de Deus! Pregando, frequentemente convidamos as pessoas a fazer algo, e isto é bom; mas não esqueçamos que a mensagem principal é que Ele está próximo: proximidade, misericórdia e ternura. Aceitar o amor de Deus é mais difícil, porque queremos estar sempre no centro, desejamos ser protagonistas, estamos mais propensos a deixar-nos plasmar, mais a falar do que a ouvir. Mas, se em primeiro lugar estiver o que fazemos, continuaremos a ser os protagonistas. Ao contrário, o anúncio deve dar a primazia a Deus: dar a primazia a Deus, o primeiro lugar a Deus e oferecer aos outros a oportunidade de o acolher, de sentir que Ele está próximo. E eu, atrás!

Terceiro ponto: *como* anunciar. É o aspeto sobre o qual Jesus mais insiste: como anunciar, qual é o método, qual deve ser a linguagem para anunciar; é significativo: diz-nos que o modo, o estilo, é essencial no testemunho. O testemunho não envolve apenas a mente, dizer algo, conceitos: não! Engloba tudo, mente, coração, mãos, tudo, as três linguagens da pessoa: a linguagem do pensamento, a linguagem do afeto e a linguagem da obra. As três linguagens. Não se pode evangelizar apenas com a mente ou só com o coração ou unicamente com as mãos. Envolve tudo. E, neste estilo, o importante é o testemunho, como Jesus quer que façamos. Ele diz assim: «Envio-vos como ovelhas no meio de lobos» (v. 16). Não nos pede para saber enfrentar os lobos, isto é, para saber argumentar, reagir e defender-se: não! Pensaríamos assim: tornemo-nos relevantes, numerosos, prestigiosos, e o mundo ouvir-nos-á, respeitar-nos-á e derrotaremos os lobos: não, não é assim! Não, envio-vos como ovelhas, como cordeiros. Isto é importante. Se não quiseres ser ovelha, o Senhor não te defenderá dos lobos. Arranja-te como puderes. Mas se fores ovelha, tem a certeza de que o Senhor te defenderá dos lobos. Ser humilde! Ele pede-nos que sejamos assim, mansos e desejosos de ser inocentes, dispostos ao sacrifício; com efeito, é o que o cordeiro representa: mansidão, inocência, dedicação, ternura.

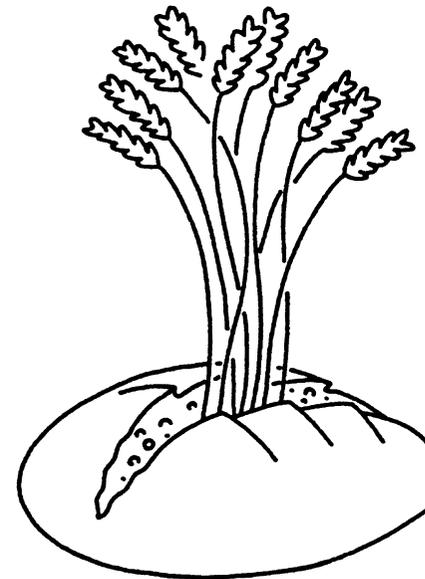
[Continua...]



LEVAR JESUS A TODOS E TODOS A JESUS

ANO – B

DOMINGO IX  
DO TEMPO COMUM



«A VOSSA PALAVRA, SENHOR,  
É A VERDADE...»

INTENÇÕES PARA A SEMANA

- Pelos aniversariantes da Comunidade
- Pelas famílias que rezam unidas
- Pelos Movimentos de Apostolado
- Pelas intenções do Santo Padre
- Pelas intenções do nosso Arcebispo

Escutar a Palavra

Deuterónimo 5, 12-15 |  
Salmo 80 (81), 3-4.5-6ab.6c.8a.10-11ab |  
2 Coríntios 4, 6-11 |  
Marcos 2, 23 – 3, 6 |

Viver a Palavra

«Santificai-nos na verdade»

Para se exercer um serviço na Igreja, mais concretamente de anúncio e de evangelização, sem excluir nenhum dos outros ministérios, é necessário pôr de parte todo e qualquer desejo de ser protagonista, para dar protagonismo ao Evangelho, verdadeiro «tesouro» que transportamos «em vasos de barro», frágeis, da nossa fragilidade humana. Mesmo quando o Senhor fortalece a nossa fragilidade, é importante que seja claro para nós, como era para Paulo, que o verdadeiro tesouro é o Evangelho que não depende de nós, mas de Deus que no-lo deu a conhecer na pessoa de Jesus Cristo. A vida do evangelizador deve conformar-se cada vez mais à vida de Cristo, a ponto de se tornar um espelho de Cristo, um livro aberto do Evangelho, onde se pode ler os sinais da vida oferecida de Jesus. Só uma grande intimidade com Jesus Cristo, como a que teve Paulo, poderá dar-nos a possibilidade de sermos pessoas identificadas com o Evangelho que anunciamos.

## **Forjães (Santa Marinha) – Intenções de 3 a 9 de junho de 2024**

**Segunda, 18h30:** Maria Lima Torres da Cruz (7<sup>º</sup> Dia)|José Maria Martins Carvalho|Olívia Sousa da Silva (CA)|António Alves Rolo (CA)|Horácio da Costa e Silva (CA)|Rosa Esteves Lobato (CA).

**Terça, 18h30:** António Faria Ribeiro (CA)|Maria Celeste Queirós Ribeiro (CA)|Nuno Filipe de Faria Torres (CA)|António Sousa de Costa|António Quesado Sinaré e família|Maria Lima de Matos|António Almeida Ribeiro e família.

**Quarta, 18h30:** Isabel dos Anjos Barbosa Dias (30<sup>º</sup> Dia)|Maria Alves Pereira e mãe|Brelhantina Rodrigues Meira, marido, filhos e netos|Irmã Religiosa Almerinda Gonçalves Pereira|Manuel Augusto Lima da Cruz (CA)|Álvaro da Silva Pinto Brochado (CA)|Olívia Sousa da Silva (CA)|Emília Alves Pereira.

**Quinta, 18h30:** Rosa da Silva Correia (CA)|Maria Lima de Matos (CA)|Cristovão dos Santos Morêncio (CA)|Ramon Domingues Perez e família.

**Sexta, 18h30:** Associados do Sagrado Coração de Jesus, vivos e falecidos|Maria José Ribeiro de Sá (CA)|Manuel Martins Roque (CA)|Mário de Sá Ribeiro (CA)|Maria Olívia Caetano Jaques Queirós|Maria de Lurdes Viana Torres, marido, neto e família.

**Sábado, 18h30:** Alminhas e seus devotos (Madorra)|Arnaldo Jorge da Cruz Faria Ribeiro|Maria Viana do Rego Soares|José da Cruz Campos|Fernando Alberto Correia Pimenta|Honra de Nossa Senhora de Fátima|Honra de S. Judas Tadeu|Albino da Silva Neiva.

**DOMINGO X COMUM, 9h00:** Sónia Filipa Laranjeira de Barros (Aniv. nasci.to)|Maria Lima de Matos|Irmãos da Congregação Mariana, vivos e falecidos|António Viana Torres|Albino Fernandes Dias e esposa|Ernesto da Silva Carvalho e esposa|David Bastos Moura e esposa.

**DOMINGO X COMUM, 11h15:** Albino Ribeiro de Sá (Aniv. faleci.to)|Fernando Jorge Faria Abreu, esposa e neta (Aniv. nasci.to)|Albino Martins Ribeiro Gomes e família|Maria Emília Arriscado Ribeiro|Alberto Faria da Silva e esposa|Cesário de Jesus de Castro Gomes.

**Atendimento: Quintas e Sábados, das 16h30-18h00 - Contacto: 253 871 153 (966 310 616)**

**«O SÁBADO FOI FEITO PARA O HOMEM E NÃO O HOMEM PARA O SÁBADO.**

A liturgia do 9.<sup>º</sup> Domingo do Tempo Comum convida-nos a refletir sobre a celebração do Dia do Senhor, fazendo memória da ação criadora e redentora de Deus para com o seu Povo.

A **primeira leitura** recorda-nos o preceito do terceiro mandamento, de guardar o sábado para o santificar, sugerindo que seja um dia que exprime a unidade do Povo que celebra a ação libertadora de Deus.

O **Evangelho**, mostra que, quando se faz uma interpretação demasiado rigorista dos preceitos da Lei, esta deixa de cumprir a sua missão de estar ao serviço do homem de cada tempo. Jesus convida-nos, por isso, a posicionarmos a favor dos necessitados, tendo em conta que o Dia do Senhor foi feito para o homem, não para fazer do homem um escravo. É um convite a vivermos não do preceito, mas da Lei que assumimos no nosso coração.

A **segunda leitura** apresenta-nos o exemplo de ardor apostólico de São Paulo, para quem ser evangelizador equivale a ser prolongamento da vida de Cristo. Apesar das fragilidades humanas, a mensagem evangélica não fica comprometida, porque é um tesouro precioso, sinal de que a obra evangelizadora é obra do poder de Deus. O nosso texto não coloca em causa a celebração do culto no dia de sábado, mas reposiciona-a de modo que possa coabitar com o serviço dos necessitados, na pessoa dos discípulos com fome e de uma pessoa com uma mão atrofiada. A celebração do Dia do Senhor, ao domingo, pode ser cada vez mais expressão desta dupla faceta do sábado reinterpretado com Jesus que, em dia de sábado entra na sinagoga, lugar onde se realiza o culto, mas não pactua com a necessidade de quem sofre, indo em seu auxílio, dando conforto e, no caso, mesmo a cura. De que forma, a celebração do culto, ao domingo, fortalece o meu serviço social cristão?

### **DATAS E INICIATIVAS DO CONSELHO PASTORAL PAROQUIAL**

- **08|** Eucaristia Vespertina, às 18h30.
- **09| DOMINGO X DO TEMPO COMUM – Festa de Nossa Senhora da Graça:** Eucaristias, às 9h00 (igreja Matriz); saída da procissão para a Capela de Nossa Senhora da Graça; às 11h15 (Eucaristia em honra de Nossa Senhora); às 16h30, Oração Meditada, Sermão e Procissão. PARTICIPEMOS!

### **CONVÍVIO SENIOR + 65 – Inscrições até dia 10 de junho**

A Junta de Freguesia realiza no Espaço Multiusos do Centro Cultural Escolas Rodrigues de Faria, mais uma edição do Convívio Sénior + 65, este ano incluído no programa do 35.<sup>º</sup> aniversário de Elevação a Vila. As inscrições devem ser efetuadas na secretaria da Junta de Freguesia, ou pelo telefone 253 877430 até ao dia 10 de junho (2<sup>a</sup> feira).

### **FAMÍLIA NATURAL? SIM, OBRIGADO!**

**O que caracteriza o casamento não é o amor – que é também comum a outras relações humanas – mas aquela complementaridade conjugal que é princípio da vida.**

A propósito da polémica suscitada por Identidade e Família, houve quem entendesse que essa obra coletiva se propunha defender a família tradicional. Ora uma tal proposta não só seria, necessariamente, anacrónica, mas também impossível de realizar, porque a dita família tradicional evoluiu ao longo do tempo e do espaço e, se tinha inegáveis virtudes, também implicava, até nas suas realizações mais perfeitas, algumas contradições, sobretudo no que respeita à igualdade entre os cônjuges e aos direitos das mulheres.

Se a família tradicional é, de facto, como qualquer realização humana, uma realidade não isenta de deficiências, o mesmo não se pode dizer da família natural, ou seja, daquela base da vida social que, por decorrer da natureza, não depende dos condicionalismos históricos. Mas a família natural não existe em estado puro: todas as suas concretizações históricas sofrem as limitações próprias do tempo e do lugar.

Mas, o que é, afinal, a família natural? Nos termos do artigo 16<sup>º</sup>, n<sup>º</sup> 3, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a família é o “núcleo natural e fundamental da sociedade.” Para além das divergências ideológicas, culturais e religiosas, a família, enquanto célula-base da sociedade, é constituída pela união estável e aberta à vida, de um homem e uma mulher, ou seja, pelo matrimónio monogâmico.

Segundo o Papa Francisco, “só a união exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher realiza uma função social plena, por ser um compromisso estável e tornar possível a fecundidade. Devemos reconhecer a grande variedade de situações familiares que podem fornecer uma certa regra de vida, mas as uniões de facto, ou entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, não podem ser simplisticamente equiparadas ao matrimónio. Nenhuma união precária, ou fechada à transmissão da vida, garante o futuro da sociedade” (Amoris Laetitia, n<sup>º</sup> 52).

Que seja indissolúvel quer dizer que não é rescindível pela vontade das partes. Mas, poder-se-ia perguntar, se a união matrimonial é voluntária, porque não admitir que a mesma vontade que a constituiu possa ser também apta para a dissolver?! Também a geração de um novo ser pode e deve ser um ato voluntário dos progenitores mas, uma vez gerado, os pais já não podem pôr termo à sua existência. A paternidade e a maternidade são opções voluntárias de que, ninguém se pode demitir, porque assim o exige o bem comum, ou seja, o bem da prole.

Que essa união torne “possível a fecundidade”, no expressivo dizer do Papa Francisco, quer dizer que deve ser estabelecida entre pessoas de diferente sexo. Uma união precária não é uma família, nem uma união naturalmente infecunda. A família nasce, portanto, da união estável e aberta à vida de duas pessoas capazes e livres. Só entre pessoas de diferente sexo é possível a geração humana, bem como a conjugalidade, que é a complementaridade do feminino e do masculino. Por isso, citando de novo o Santo Padre, “as uniões de facto, ou entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, não podem ser simplisticamente equiparadas ao matrimónio.”

Assim sendo, o matrimónio, segundo D. Nuno Brás, Bispo do Funchal, é a “união estável e aberta à transmissão da vida entre um homem e uma mulher que, unidos pelo amor, manifestaram publicamente a sua vontade de construir esta comunidade-base da vida social” (Identidade e Família, pág. 115).

O casamento não é a única expressão do amor humano, pois também há relações afetivas entre pais e filhos, entre irmãos ou amigos, que não são, obviamente, conjugais. O que caracteriza o casamento não é, portanto, o amor – que é também comum a outras relações humanas – mas aquela complementaridade conjugal que é princípio da vida: não em vão a palavra matrimónio procede de ‘mater’, ou seja, mãe. Por isso, tradicionalmente, a geração é o fim primário do matrimónio, enquanto a entreajuda entre os cônjuges é o seu fim secundário, precisamente porque não é o fim específico do casamento, pois pode também ser alcançado por outras uniões.

Que só possa haver geração por via da união sexual entre a mulher e o varão não decorre de nenhuma ideologia política, religiosa ou cultural, pois radica, na feliz expressão de Paulo Otero, “na própria natureza humana” (Identidade e Família, pág. 199). De facto, só “a união estável e aberta à transmissão da vida entre um homem e uma mulher” constitui o que, com propriedade, se pode designar como casamento natural. Esta definição é uma mera constatação de facto, essencial para a reta compreensão do conceito de matrimónio e, consequentemente, de família natural. Não é por acaso que a quase totalidade das uniões estáveis se estabelecem, no mundo inteiro, entre um homem e uma mulher. // A família natural funda-se na complementaridade dos sexos e na necessidade dessa união para que possa haver geração. É, portanto, constituída pelos cônjuges, pela sua descendência e afinidades: pais e filhos; avós, tios e primos; etc. Onde não haja verdadeiro casamento, ou parentesco, não pode haver, como é óbvio, família natural. // Respeite-se a liberdade de cada qual viver como e com quem se quiser, mas não à custa da família natural, nem equiparando esta realidade universal e intemporal a outros tipos de uniões que, por não terem fundamento na natureza humana, não podem ser juridicamente equacionadas nos mesmos termos. Segundo Paulo Otero, “as normas de uma qualquer Constituição que neguem (ou comportem um efeito análogo a negar) à família o estatuto de ‘núcleo natural e fundamental da sociedade’ padecem de inconstitucionalidade”. // Com certeza que não só podem coexistir outros tipos de uniões interpessoais, também passíveis de regulação e, até, de proteção legal, mas, para o Papa Francisco, “não podem ser simplisticamente equiparadas ao matrimónio”. É significativo que, na antiga Grécia e na Roma clássica, embora fossem socialmente aceites as uniões de pessoas do mesmo sexo e, até, a pedofilia, não se admitia que tais uniões pudessem ser equiparadas ao casamento. A exigência de que a lei não equipare o que é distinto na realidade, não decorre de nenhum preconceito religioso, ou indevida intromissão confessional, mas da Declaração Universal dos Direitos do Homem, na medida em que entende que a família é o “núcleo natural e fundamental da sociedade.” E nunca será demais recordar que a justiça não é a virtude que impõe a todos o mesmo, mas que trata por igual o que é idêntico, e diferentemente o que é diverso.

Desde há dois mil anos que a Igreja católica está na linha da frente deste combate pela dignidade humana, defendendo a unidade e indissolubilidade do casamento, que para os cristãos foi elevado à sublime condição de sacramento, e que é a base da família natural. Não separe, pois, o homem o que Deus, pela natureza e pela graça, uniu. (in “Voz da Verdade”, P. Gonçalo P. de Almada)

